Stalking online em relacionamentos

Relatório

O que é stalkerware e será que as pessoas o reconhecem?

kaspersky BRING ON THE FUTURE

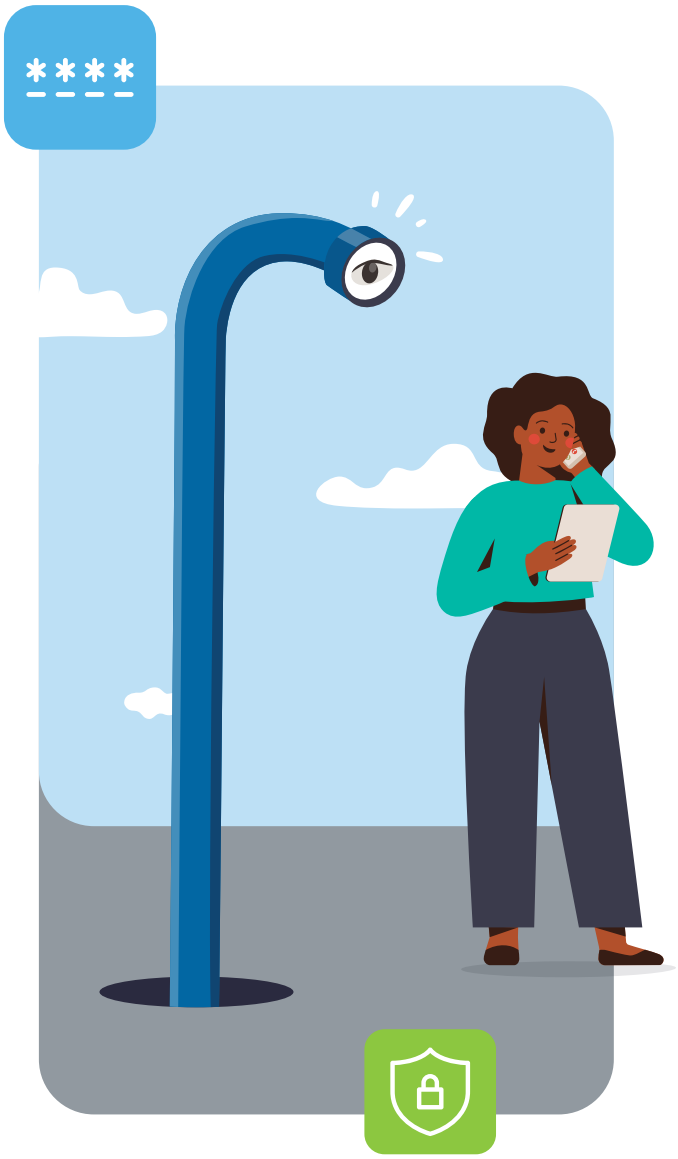
Índice

Introdução

Em 2021, as pessoas se tornaram mais conectadas do que nunca – em grande parte graças à predominância da tecnologia digital e ao amplo alcance de canais de comunicação nos dispositivos inteligentes. Embora haja vários usos positivos dessa tecnologia, como maior proximidade e alguma facilidade para encontrar novos relacionamentos, apenas para citar alguns, o maior acesso a outras pessoas e suas informações pessoais também possibilitam seu mau uso.

Em certas circunstâncias, a tecnologia digital pode ser usada por pessoas imorais como parte de uma ação mais ampla de abuso doméstico. Elas podem usar aplicativos de monitoramento, conhecidos coletivamente como "stalkerware", para rastrear os paradeiros, as interações e o uso da Internet de seus parceiros.

Esse relatório analisa a pesquisa feita pela SAPIO, a pedido da Kaspersky e de várias ONGs que trabalham no combate à violência doméstica, e visa compreender a propagação dos stalkerware e como o seu impacto tóxico pode ser mitigado de forma segura e eficaz.



A pesquisa tem como objetivo medir a extensão real do uso de stalkerware – ou "spouseware" como às vezes é chamado – e coletar dados para ajudar profissionais que combatem a violência doméstica a melhor compreender o tópico e melhorar o suporte aos sobreviventes desta prática.

Os objetivos da pesquisa incluíam:

- Compreender quantas pessoas conhecem sobre o stalkerware e seus recursos.
- Descobrir até que ponto as pessoas estão dispostas a monitorar seus parceiros.
- Descobrir os tipos de dados que as pessoas estão dispostas a compartilhar e o que elas preferem manter em segredo.
- Compreender quantas pessoas foram vítimas de stalkerware.
- Conhecer quais dispositivos são comumente usados por abusadores para monitorar vítimas.

Nossa pesquisa revela que 60% dos entrevistados não sabem o que é o stalkerware. O que permite concluir que uma minoria importante das pessoas sabe para que essas ferramentas servem.

O que é stalkerware e será que as pessoas o reconhecem?

Stalkerware é um programa de monitoramento que as pessoas usam para espionar seus parceiros ou cônjunges. Ele está comerciamente disponível e é de fácil instalação em um smartphone. Quem quer espionar outra pessoa só precisa ter acesso físico ao telefone da vítima para ativar o stalkerware e, como revela este relatório, a maioria das pessoas confia em seus parceiros o suficiente para dar a eles essa oportunidade em algum momento.

Este tema está em uma área jurídica nebulosa, apesar de ser claramente antiético. Frequentemente, stalkerware ou spouseware operam sob o disfarce de oficiais de controle dos pais ou soluções antirroubo, o que permite a esses programas permanecerem acessíveis em lojas oficiais como a Android Apps. Mas o quão consciente está o público em geral de que aplicativos com esse tipo de funcionalidade existem e podem ser comprados facilmente?

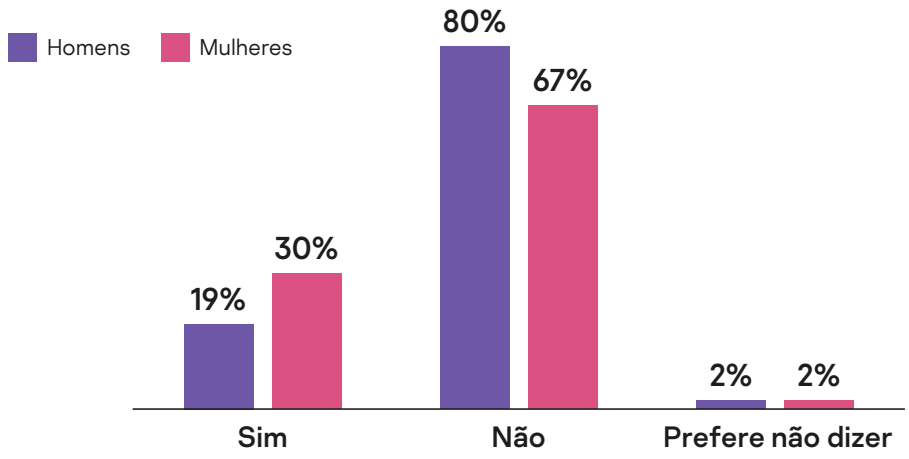
Nossa pesquisa revela que 60% dos entrevistados não sabem o que é o stalkerware. O que permite concluir que uma minoria importante das pessoas sabe para que essas ferramentas servem. Uma interpretação particularmente pessimista sugere que quase metade da população pesquisada possui experiência pessoal com stalkerware, seja como vítima ou usuário.

No entanto, uma pessoa não precisa necessariamente ter experiência direta com algo para estar familiarizada com o tema. Também deve-se considerar que o stalkerware possui um nome bastante autoexplicativo, e as pessoas poderiam basear-se em sua familiaridade com ameaças como spyware para deduzir sua função. Dito isso, mesmo uma interpretação generosa mostra que o stalkerware é uma causa bastante comum da violação de privacidade de milhares de pessoas e ele deve ser levado a sério e enfrentado da mesma forma.

Divisões demográficas e confusão de recursos

Há algumas disparidades importantes a serem compreendidas em relação aos níveis de consciência sobre o stalkerware. Em primeiro lugar, mais homens conhecem sua existência em comparação com as mulheres (44% versus 36%, respectivamente). Em segundo lugar, pessoas mais jovens são mais familiarizadas com o termo do que entrevistados mais velhos: 46% das pessoas entre 16 e 34 anos o conhecem em comparação a apenas 28% das pessoas com 55 anos ou mais.

Você já sofreu violência ou abuso por parte de seu parceiro?



Dados Globais

Examinando os dados detalhadamente, há alguns possíveis motivos para isso. Mais homens (10%) do que mulheres (8%) admitiram ter instalado um stalkerware no telefone de seus parceiros. E como esse programa permanece oculto, faz sentido que seus usuários saibam mais sobre sua existência do que quem é vítima. Isso é confirmado ainda mais pelo fato de que mulheres são significativamente mais propensas do que homens a serem vítimas de abusos domésticos nas mãos de seus parceiros (30% versus 19%).

Em termos de disparidade de idade, os mais jovens estão mais preocupados com a violação de suas privacidades digitais por seus parceiros do que os mais velhos – e a diferença entre os resultado é duas vezes maior: 45% das pessoas entre 16 e 34 anos afirmaram se preocupar com isso, enquanto 20% das pessoas com 55 anos ou mais disseram o mesmo. Talvez isso ocorra porque os entrevistados mais jovens cresceram em um mundo com foco digital durante a maior parte de suas vidas. Ou poderia ser porque eles são mais conscientes sobre a possibilidade de sua privacidade digital ser comprometidas por meio do uso de programas mal-intencionados.

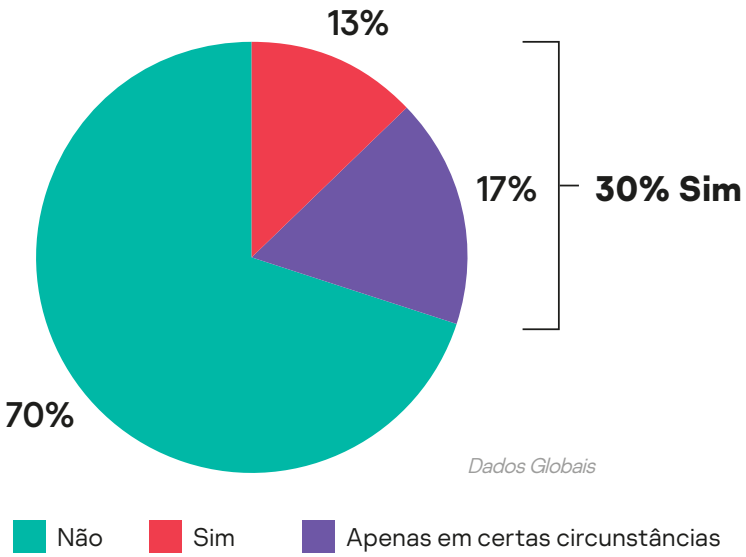
Mas até entre os familiarizados com stalkerware, há níveis mais altos de conscientização sobre determinados recursos do que outros. As pessoas sabem que o programa executa funções como monitoramento de atividades online (72%), registra a localização (68%) e grava vídeos e áudios (60%). Mas poucas pessoas conhecem o fato de que são capazes de informar o abusador quando uma vítima tenta desinstalá-lo (42%). Portanto, ainda há muito trabalho a ser feito em termos de educar amplamente a população sobre a existência dos stalkerware e detalhar seu funcionamento com uma abordagem centrada na vítima. Isso significa que os desejos e as necessidades das vítimas são o cerne da questão.

Erica Olsen, diretora do Safety Net Project, National Network to End Domestic Violence (NNEDV), faz uma advertência importante: "Uma pessoa abusiva pode aumentar ou agravar o seu comportamento agressivo se confrontada ou quando o stalkerware for removido. Quem está passando por essa situação precisa considerar o que é mais seguro para ele(a) no momento e procurar apoio de quem oferece suporte às vítimas para obter as informações necessárias para decidir o que deve ser feito."

Monitoramento digital e consentimento

O debate sobre stalkerware (e os softwares de monitoramento em geral) depende da questão do consentimento. Felizmente, a vasta maioria dos entrevistados da pesquisa (70%) não acredita que seja aceitável monitorar seu parceiro sem consentimento. Mas isso também indica que uma preocupante minoria significativa (30%) que acredita que esse monitoramento é aceitável (pelo menos em algumas circunstâncias).

É correto monitorar seu parceiro sem o conhecimento dele?



Esse dado é particularmente alarmante, pois ele sugere que parte dos 21% dos entrevistados que suspeitam que seus parceiros os espionam com um aplicativo provavelmente estão corretos. Esse número é até mesmo mais alto do que os especialistas que trabalham diretamente com vítimas de abuso anteciparam, especialmente entre os 13% que acreditam que seja aceitável monitorar seus parceiros sem introduzir a ressalva "em certas circunstâncias". Especialistas indicam que os autores de abusos frequentemente usam questões como preocupações com segurança como uma falsa justificativa para suas perseguições.

A pesquisa mostra que quase dois terços dos que acham aceitável monitorar seus parceiros o fariam se acreditassem que eles estivessem sendo infiéis (64%), se isso estivesse relacionado à segurança deles (63%) ou se acreditassem que eles estivessem envolvidos em atividades criminosas (50%). A menção de preocupações com infidelidade, em particular, exemplifica a natureza controladora coercitiva e abusiva do uso de aplicativos de stalkerware. Como Berta Vall Castelló, gerente de pesquisa e desenvolvimento da European Network for the Work with Perpetrators (WWP EN), destaca, tal suspeita não é um motivo justificável, embora um preocupante número de pessoas acredite que sim.

“Essas descobertas enfatizam um ideal de amor romântico, que é particularmente forte entre adolescentes, onde os parceiros não têm direito à privacidade e compartilham tudo com o outro, como forma de demonstrar seu amor e confiança”, comenta Berta Vall Castelló, gerente de pesquisa e desenvolvimento da European Network for the Work with Perpetrators (WWP EN).

Também há falhas óbvias na suposta justificativa sobre a segurança dos parceiros. Se o monitoramento fosse genuinamente relacionado a preocupações com segurança, a outra parte deveria estar ciente, consentir com isso e ser capaz de remover o aplicativo quando desejasse. Quanto à suspeita de atividade criminosa, há maneiras muito mais óbvias e eficazes de lidar com isso do que usar um software de monitoramento.

O uso não consensual de stalkerware é um problema muito mais disseminado em alguns países do que em outros. Índia (45%), Malásia (31%) e China (27%) mostram os resultados mais altos entre os entrevistados na nossa pesquisa que consideram ser aceitável monitorar parceiros sem seu consentimento. Portugal/Colômbia (7%), Espanha/República Tcheca/México/Peru (6%) e Argentina (5%) foram os menos propensos a concordar com isso. Isso poderia ser parcialmente devido a percepções culturais sobre o direito à privacidade – menos de um em cada quatro entrevistados na Índia (24%) acham que todos têm direito à privacidade, comparados a 65% na Espanha e no México.

Quando consentimento é introduzido no debate, há um aumento correspondente do número de pessoas abertas a monitorar seus parceiros. Quase metade (48%) monitorariam, em teoria, seus parceiros de forma consensual: 25% por razões de “transparência total” em um relacionamento e mais 24% sob determinadas circunstâncias (se isso estivesse relacionado à segurança física ou se o monitoramento fosse mútuo).

Abuso digital – quão grande é o problema?

Em suma, abuso digital é um problema massivo e disseminado. Uma em cada quatro pessoas (25%) já enfrentou alguma forma de abuso de seus parceiros, embora homens (19%) sejam menos propensos do que mulheres (30%) a sofrerem abusos. Em termos dos tipos de abuso perpetrados, o abuso psicológico é a forma mais comum enfrentada na amostra (72%), seguido de abuso físico (46%) e abuso econômico (34%).

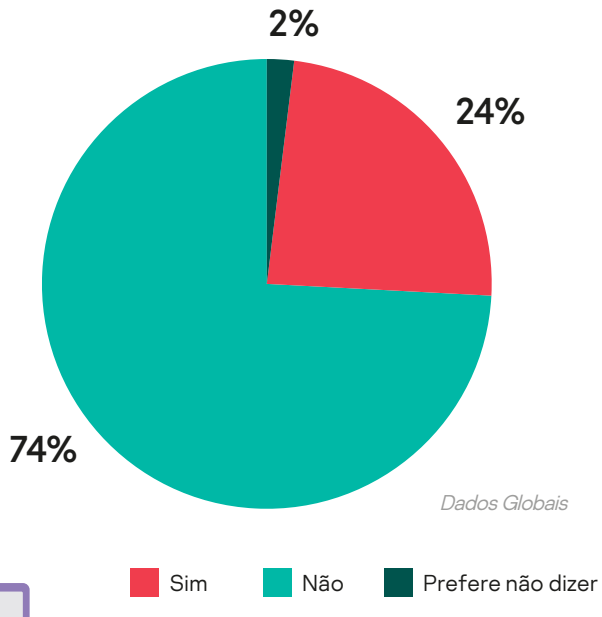
A evidência sugere que o abuso digital usando aplicativos de stalkerware poderia ser um facilitador-chave do abuso psicológico. Quase um quarto dos entrevistados (24%) têm sido perseguidos por meio de tecnologia e 37% das pessoas se preocupam com a possibilidade de seus parceiros violarem suas privacidades digitais.

Muitas preocupações sobre como tal invasão de privacidade podem se manifestar giram em torno de informações acessíveis via smartphone e, portanto, sob risco de stalkerware. As informações digitais que causam maior preocupação dos entrevistados em relação ao acesso por seus parceiros incluem redes sociais (53%), mensagens de texto (51%) e e-mails (45%). Isso é particularmente desconcertante considerando que metade dos que têm sido perseguidos usando tecnologia foram monitorados através de um aplicativo telefônico (50%).

Outra nuance das preocupações com privacidade é que elas são maiores em algumas localidades do que em outras. Mais da metade dos entrevistados do Peru e Colômbia (56%) se preocupam com o fato de seus parceiros íntimos violarem suas privacidades digitais, comparados a apenas 20% na Alemanha e nos Países Baixos. Há vários motivos possíveis para isso, incluindo atitudes culturais em relação à privacidade ou uma variação na quantidade de informações pessoais que as pessoas optam por compartilhar, além do investimento em dispositivos digitais em diferentes localidades.

No entanto, mesmo nos países com as classificações mais baixas, uma em cada cinco pessoas expressam preocupações com privacidade, um número considerável que sugere que problemas existem e precisam ser solucionados.

Você já sofreu perseguição online?



Pessoal versus privado – quais informações as pessoas estão dispostas a compartilhar com parceiros?

Privacidade é uma questão complexa, pois as pessoas têm limites próprios sobre as informações que estão dispostas a divulgar para os seus parceiros ou permitir que eles acessem. Por exemplo, mais da metade dos entrevistados da nossa pesquisa (57%) compartilharam suas senhas telefônicas com seus parceiros e uma proporção semelhante (56%) sabe as senhas dos telefones de seus parceiros. Para quase metade dos entrevistados (42%), também é normal compartilhar detalhes de login do iCloud ou Google em suas famílias. Isso sugere que muitas pessoas estão felizes com o acesso de seu parceiro e/ou parentes próximos às suas vidas digitais.

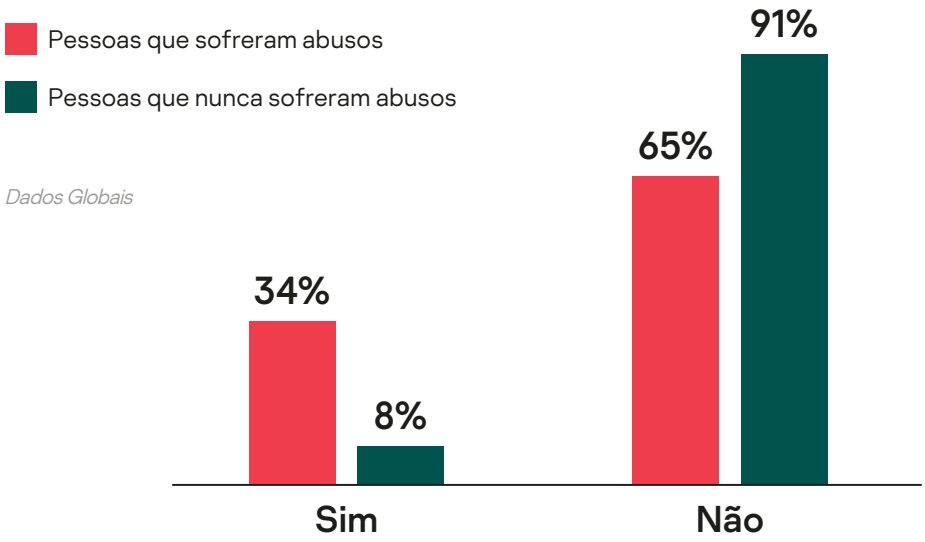
Mas novamente, isso ocorre em circunstâncias consensuais onde a situação é mútua em vez de unilateral e, portanto, indicativa de uma relação saudável em vez de abusiva. Além disso, mesmo com uma senha, um parceiro precisaria de acesso físico a um dispositivo para ver as informações que ele contém. Em uma relação saudável, esse acesso poderia ser suspenso ou a senha atualizada se o proprietário do dispositivo mudasse de ideia em algum momento.

Mesmo em relações nas quais um ou os dois parceiros estão dispostos a compartilhar suas informações digitais, determinados tipos de dados são fornecidos mais facilmente do que outros. Dois em cada cinco entrevistados nunca compartilhariam senhas (38%), um quarto nunca compartilharia gravações telefônicas (26%) e 25% nunca compartilhariam informações de pagamento com seus parceiros. Em contrapartida, apenas 10% não estariam dispostos a não compartilhar fotos e apenas 17% estariam; relutantes em divulgar atividades em redes sociais ou acesso à câmera.

Bem desconcertante: uma em cada 10 pessoas (9%) admite instalar aplicativos de monitoramento no telefone de seus parceiros

Stalkerware prospera especificamente em circunstâncias onde há uma disparidade entre o nível de acesso a informações que um parceiro deseja e que o outro está disposto a divulgar: 15% das pessoas receberam solicitações de seus parceiros para instalar um aplicativo de monitoramento. No entanto, esse número é desproporcionalmente maior entre entrevistados que sofreram abuso (34%) em comparação aos que não sofreram abuso (8%). Talvez essa seja a indicação mais clara do vínculo entre stalkerware e abuso demonstrada pela pesquisa.

Um parceiro íntimo já exigiu que você instalasse um aplicativo de monitoramento?



Pessoas mais jovens (entre 18 e 34 anos) também são muito mais propensas (21%) do que as com 55 anos ou mais (5%) a receberem tal solicitação de um parceiro. Essa é outra lição importante: stalkerware está vinculado a abuso e os jovens são vastamente mais vulneráveis a seus efeitos nocivos.

A maioria dos entrevistados (84%) não estão dispostos a permitir que seus parceiros instalem ou definam parâmetros em seus telefones. Mas há disparidades geográficas consideráveis em relação a isso. Por exemplo, um terço dos entrevistados indianos (38%) informam que seus parceiros instalam ou definem parâmetros em seus telefones, enquanto que apenas 7% dos entrevistados australianos dizem o mesmo.

A proporção de pessoas que ultrapassam os limites e tentam acessar essas informações de qualquer forma (ou não pedem em primeiro lugar) é bem desconcertante: uma em cada 10 pessoas (9%) admitem instalar aplicativos de monitoramento no telefone de seus parceiros e 9% usaram recursos de casas inteligentes para monitorar seus parceiros sem o consentimento deles.

Como as pessoas reagem ao stalkerware?

Há uma divisão clara nas respostas das pessoas que estão ou suspeitam que estejam sob vigilância de um stalkerware. Isso não é surpreendente, pois reflete uma grande variação em circunstâncias pessoais nas quais as pessoas se encontram com relação ao nível de estabilidade e vulnerabilidade, além das redes de suporte que elas têm disponíveis, junto a um contexto mais amplo de atitudes culturais ligadas ao abuso e comportamento em relacionamentos.

Metade (50%) das pessoas investigariam se encontrassem um aplicativo de monitoramento em seus dispositivos. A maioria dos entrevistados em nossa pesquisa (83%) confrontariam seus parceiros se descobrissem que um aplicativo de monitoramento foi instalado em seus telefones sem o consentimento deles. No entanto, confrontar um parceiro nessa situação apenas aumentará o risco que uma vítima de stalkerware enfrenta, algo que especialistas de organizações de abuso doméstico desencorajam veementemente. Isso realça o trabalho necessário para treinar, educar e ajudar pessoas em relação as preocupações complexas com os stalkerware.

Apenas 17% dos entrevistados ligariam para uma central telefônica de ajuda ou visitariam um centro de apoio nessa situação. Na Europa, esse número é apenas 12%. Talvez isso ocorra devido ao baixo reconhecimento do stalkerware como um problema real conectado à violência conjugal (IPV) ou à falta de compreensão sobre o tipo de apoio que esses serviços podem oferecer, entre outras razões possíveis.

"Vítimas de violência doméstica que confrontam seus parceiros após descobrirem sobre o stalkerware em seus telefones podem aumentar o risco e se exporem a violências graves. O baixo número de entrevistados que ligaria para uma central telefônica de ajuda ou que visitaria um centro de apoio é preocupante. Em casos de controle coercitivo por um parceiro, é crucial obter suporte de serviços às vítimas para prosseguir de acordo com um plano de segurança desenvolvido por profissionais", aconselha Berta Vall Castelló da WWP EN.

Entre os entrevistados que não confrontariam seus parceiros se descobrissem um aplicativo de monitoramento em seus smartphones, um quarto acredita que discutir a situação não ajudaria (26%), que eles não conseguiriam provar que seus parceiros foram responsáveis (24%) ou que eles prefeririam outra estratégia de saída (24%). Esses motivos são preocupantes e indicativos de uma relação não saudável, com uma forte possibilidade de padrões abusivos mais amplos.

Se um parceiro se sente incapaz de discutir algo que cruze um limite pessoal com a sua cara-metade, provavelmente ele está com medo das consequências de fazer isso. Mesmo se eles acharem que discutir isso não fará diferença, suas autonomias e preferências não são valorizadas na relação. Optar por uma estratégia de saída diferente é uma reação recomendada e, certamente, uma muito sensata onde alguém esteja temendo pela sua segurança. Mas como exatamente eles podem agir em relação a isso?

Por meio de que tecnologias você foi perseguido?

Dados Globais

"Quando stalkerware é usado como parte de abuso doméstico ou violência de parceiro, ele pode indicar que o abusador é muito controlador e, de forma preocupante, pode ser um sinal de que a violência pode piorar. Realmente aconselho quem estiver enfrentando um stalking — seja na vida real ou por meio do stalkerware e que ache que poderia ser inseguro ou perigoso confrontar seu abusador –, a entrar em contato com uma organização de abuso doméstico para obter conselhos e apoio", diz Karen Bentley, CEO da WESNET e uma especialista em segurança tecnológica. "O Safety Net Project levou a NNEDV nos EUA e a WESNET na Austrália a também estabelecerem kits de ferramentas de segurança e privacidade online com conselhos para vítimas de abuso tecnológico como parte da violência doméstica", ela acrescenta.

Livrando-se do stalkerware – como as pessoas se protegem do monitoramento digital?

As descobertas da pesquisa mostram, sem sombra de dúvida, que o stalkerware é um problema desagradável e nocivo. Então, quais são os principais indicadores de que seu dispositivo pode estar sendo monitorado? Embora aplicativos de espionagem tentem se esconder, a maioria releva a sua presença de uma forma ou de outra. Um consumo mais rápido do que o esperado do armazenamento de dados do dispositivo ou, de forma análoga, um descarregamento rápido da bateria são dois sinais de alerta. Se você observar qualquer um desses problemas, fique atento e verifique quais aplicativos estão consumindo os recursos do telefone.

Da mesma forma, verifique quais aplicativos estão acessando sua localização. Se não encontrar nada em seu telefone Android, mas ainda suspeitar que alguém possa estar espionando você, verifique quais aplicativos têm acesso à Acessibilidade (Config. -> Acessibilidade).

A Acessibilidade permite que aplicativos bisbilhotem outros programas, alterem configurações e façam muitas outras coisas agindo como o usuário. Isso torna a sua permissão muito útil para um stalkerware. A Acessibilidade é uma das permissões potencialmente mais perigosas no Android – recomendamos que você apenas conceda esse tipo de acesso ao software antivírus e a nada mais.

Proteja seu telefone com uma senha forte e nunca compartilhe-a com seu parceiro, amigos ou colegas.

Outros métodos de detecção envolvem o uso de uma solução de segurança para o dispositivo móvel, como o Kaspersky Internet Security for Android ou o TinyCheck (sob a supervisão de uma organização de serviços), como descrito aqui. Se um dos métodos acima detectar um spyware em seu smartphone, pense duas vezes antes de excluí-lo. A pessoa que o instalou notará e isso poderá piorar as coisas. Desinstalar o programa também poderá apagar evidências que talvez sejam necessárias posteriormente.

Como em todos os aspectos de segurança, tome medidas de proteção primeiro. Por exemplo, se você estiver sendo rastreado por um parceiro potencialmente violento, antes de fazer qualquer coisa com o aplicativo stalkerware, entre em contato com um centro de apoio para vítimas de abuso doméstico (veja mais informações aqui).

Em alguns casos, é mais fácil substituir seu smartphone completamente e, em seguida, garantir que ninguém possa instalar aplicativos de espionagem no novo dispositivo. Para garantir que você não se torne uma vítima de stalkerware, a Kaspersky recomenda o seguinte:

- Proteja seu telefone com uma senha forte e nunca compartilhe-a com seu parceiro, amigos ou colegas.
- Mude as senhas de todas as suas contas e também não as compartilhe com ninguém.
- Baixe aplicativos somente de fontes oficiais como Google Play ou App Store.
- Instale uma solução de segurança confiável e verifique o dispositivo com regularidade. No entanto, isso deverá ser feito somente após avaliar o potencial risco à vítima, pois o perseguidor poderá notar o uso de uma solução de segurança.
- Não se apresse em remover o stalkerware caso o encontre no dispositivo, pois o abusador poderá notar. É muito importante considerar que o abusador pode ser um possível risco à segurança. Em alguns casos, a pessoa pode agravar seu comportamento abusivo em resposta.
- Entre em contato com as autoridades locais e organizações de serviços que ajudem vítimas de violência doméstica – para obter assistência e um planejamento de segurança. Uma lista com as organizações relevantes em vários países está disponível em www.stopstalkerware.org

Para obter mais informações sobre stalkerware e como lidar com ele, visite a Coalition Against Stalkerware, que une organizações de combate ao abuso doméstico à comunidade de segurança para lidar com esta ameaça.

Sobre a pesquisa

A pesquisa foi conduzida com 21.055 pessoas de 21 países que estão atualmente em um relacionamento ou que tiveram um relacionamento no passado.

De forma geral, a precisão dos resultados é de ± 0,7% com limites de confiança de 95%, assumindo um resultado de 50%.

As entrevistas foram conduzidas online pela Sapio Research em setembro de 2021 usando um convite via email e uma pesquisa online.

SAPIO RESEARCH

Audience | Brand | Content Research

Stalking online em relacionamentos

Relatório

kaspersky BRING ON THE FUTURE